



APRENDER

Como se lê e escreve no início da aprendizagem

LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

Autoria: São Luís Castro

Edição: Andreia Lobo

No início da aprendizagem, quer a decodificação (leitura) quer a codificação (escrita) exigem atenção e esforço. Não são processos imediatos. Mas é através deles que progressivamente se constrói essa fabulosa ferramenta mental que é saber ler e escrever sem esforço e com fluência.

1. Os processos de decodificação e codificação numa fase inicial da aprendizagem

Ler parece imediato, para quem sabe ler bem: aí está o texto escrito, até uma só palavra, e percebemos o que quer dizer, faz-se luz. Por exemplo, estamos numa cidade desconhecida, queremos ir para o centro e não sabemos como – de repente, eis o sinal **CENTRO** →, e o problema fica resolvido, vamos nessa direção. Podemos até nem ter consciência de que lemos a palavra, simplesmente usámo-la porque a percebemos.

Mas suponhamos que essa cidade é onde nasceu Svetlana Aleksievitch, Nobel da Literatura em 2015. A cidade de Ivano-Frankivs'k na Ucrânia. Lá usa-se o alfabeto cirílico, que – suponhamos também – estamos a tentar aprender: **ЇЄНТР**. Aí já não percebemos logo o que a palavra escrita quer dizer. Podemos reconhecer o P que corresponde ao nosso R, e o H que corresponde ao nosso N, o T que é como o nosso, e assim sucessivamente até conseguirmos reconstruir a palavra e dizer à nossa companheira “Por ali, ‘**tsentr**!’”

O processo de, a partir da escrita, chegar à palavra falada é designado por decodificação fonológica ou, mais abreviadamente, **decodificação**. Na verdade, trata-se de um conjunto de processos que vão sofrendo alterações à medida que aumenta a nossa prática e experiência de leitura.

Numa fase inicial da aprendizagem, estes processos requerem a nossa atenção e esforço. Não funcionam em piloto automático. O leitor tem de se aplicar: tem intenção de ler, presta atenção às palavras e aos seus constituintes, procura o seu conhecimento prévio para ser capaz de transformar o escrito em falado. Mesmo que seja só fala interna e não leitura em voz alta. Em termos de psicologia cognitiva, a decodificação não é um **processo automático**: exige recursos cognitivos, é **deliberado** (intencional), consciente e **controlado**. Seja para um leitor principiante, seja para uma criança do primeiro ano de escola ou para um adulto a aprender uma língua que não conhece.

O processo inverso à decodificação é a codificação. Em vez de ler, trata-se de **escrever: converter a fala em escrita**. Na forma mais elementar, é ter em mente a palavra falada que conhecemos e queremos passar para o papel ou ecrã, e ser capaz de

produzir um conjunto de traços ou sinais gráficos que captam a maneira como essa palavra é evocada pela escrita. No início da aprendizagem, os processos de codificação também obrigam a que nos apliquemos na tarefa de escrever cada palavra com intencionalidade, atenção e esforço.

Quer a decodificação quer a codificação precisam de tempo nas fases iniciais da aprendizagem. Não são imediatas. Pelo contrário, podem até ser bastante lentas. Como se pode ouvir neste exemplo de uma criança que dá os primeiros passos na leitura.

2. A importância dos processos de decodificação e codificação numa fase inicial da aprendizagem

Na fase inicial da aprendizagem, os processos de **decodificação fonológica** e de **codificação** são parte intrínseca da nossa aquisição de conhecimento ou domínio da linguagem escrita. É através deles que se edificam os alicerces do nosso saber ler e saber escrever. São eles que **permitem que progressivamente se construa essa fabulosa ferramenta mental que é a habilidade de ler e escrever com fluência e sem esforço**. Em que já não é propriamente à leitura ou à escrita que temos de prestar atenção, mas sim ao que estas duas permitem descobrir ou criar.

3. A ciência mostra

Aprender a ler e escrever é como aprender a andar de bicicleta, a nadar *crawl*, a fazer uma pirueta, a jogar xadrez... Como acontece em tantos outros casos, é necessário dominar uma técnica para conseguir um objetivo com um mínimo de exigência e qualidade. Adquirir uma perícia, uma *expertise*.

Nas últimas décadas, têm-se avolumado os estudos sobre a **aquisição de expertise**. Sabemos hoje que, regra geral, esta aquisição se faz por fases. A primeira é a **fase cognitiva**, em que aos poucos se vai percebendo e tomando consciência deste ou daquele aspeto do que se está a aprender, e onde até ajuda verbalizar em voz alta esse conhecimento incipiente. As outras fases são a **associativa** e a **autónoma** (ver também [A aquisição progressiva das habilidades de leitura e escrita](#)).

Na aprendizagem da leitura, essa **primeira fase** corresponde à utilização dos processos de decodificação; na aprendizagem da escrita, à dos de codificação. Trata-se fundamentalmente de apreender o princípio alfabético: perceber a associação entre os elementos da escrita, as letras, e os elementos das palavras faladas, os fonemas. Crítico aqui é o aspeto analítico e não completamente intuitivo: **é preciso dirigir a atenção não para o sentido das palavras como seria natural, mas sim para o seu som**. Focar a atenção não na mensagem, mas no mensageiro. E para quê? Para estabelecer a relação entre o som (o fonema) e a letra, a unidade em que se baseia o nosso sistema de escrita alfabética. Parece coisa pouca, mas não é.

Conhecendo as letras que correspondem aos fonemas, a criança pode ela própria ensaiar a sua escrita. Por exemplo: escrever um bilhete sem instrução direta do adulto. Pode também aventurar-se pela leitura de palavras desconhecidas, ainda que soletrando sílaba a sílaba, letra a letra. Detém este novo poder porque começa a conhecer o código que liga a linguagem falada à escrita: as correspondências grafema/fonema.

As correspondências grafema/fonema têm duas faces: a gráfica (escrita) e a sonora (falada). Assim, na **fase inicial da aprendizagem são fundamentais**, por um lado, o **conhecimento do alfabeto** e, por outro, a **capacidade de segmentar a corrente de fala das palavras** (ver também Tomada de consciência dos fonemas). Relativamente ao alfabeto, estima-se que, quando a criança conhece cerca de 80% das letras – no português, perto de 20 letras –, ela começa a ser capaz de ler, sem errar, pequenas palavras reais ou até inventadas que não tinha memorizado antes. A criança não precisa de conhecer à partida aquilo que se tornou capaz de ler. Todavia, a leitura que faz é lenta, pode ter hesitações frequentes e não ser correta.

Como noutras aquisições de *expertise*, **só com a prática continuada é que a leitura e a escrita se tornam fluentes, mais rápidas e menos dependentes da atenção e do esforço**. Afinal, também nós, adultos leitores fluentes, tivemos de nos esforçar para ler o nome da cidade em que nasceu Svetlana Aleksievitch: Ivano-Frankivs'k. Por ser numa língua desconhecida, ficámos momentaneamente como uma criança na fase inicial da aprendizagem. Foi preciso decodificar a sequência de letras incomum "kivs'k" num processo sequencial, da esquerda-para-a-direita, com base no conhecimento de como cada letra representa um som e, mais precisamente, um fonema. E para isso precisámos de mais tempo e alguma atenção e esforço.

Leituras Sugeridas

- Dehaene, S. (2012). *Os neurónios da leitura. Como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Editora Penso. (Tradução para o português do Brasil. Edição original de 2009)
- Morais, J. (2013). *Alfabetizar em democracia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Ler também

APRENDER – Apreensão do princípio alfabético

DESENVOLVER – Aquisição progressiva das habilidades de leitura e escrita: de uma fase de controle consciente a uma fase de processamento automático